



Bertolaso Stella na fronteira entre Teologia e Ciência da Religião: um exercício de religiografia na pré-história da autonomia de duas áreas*

Bertolaso Stella on the border between theology and study of religion: an exercise of religiography in the prehistory of an area

Carlos Eduardo Calvani**

Resumo: O artigo apresenta uma pesquisa historiográfica baseada em fontes pouco conhecidas da pré-história da Ciência da Religião no Brasil, em um esforço religiográfico de compreender uma época em que as fronteiras entre Teologia e Ciência da Religião ainda eram muito incertas. A pesquisa recupera fontes documentais primárias (artigos acadêmicos e publicações autofinanciadas), testemunhos escritos de pesquisadores já falecidos ou aposentados e um breve registro de história oral a respeito dos esforços do pastor presbiteriano Jorge Bertolaso Stella que, entre os anos de 1930 e 1970, debruçou-se no estudo de diversos temas que não faziam parte da agenda de pesquisadores brasileiros das universidades da época. Certamente seu autodidatismo e seu estilo (às vezes, muito próximo da literatura mística) não permitiriam, aos critérios atuais, classificá-lo como um “cientista da religião”, mesmo porque ele não utiliza essa terminologia. Por isso, o texto opta pela expressão “pré-história” da Ciência da Religião e da Teologia no Brasil. Essa, porém, é a marca de todos os pioneiros – com todas as limitações de sua época, sem interlocução com pares no Brasil que pesquisassem temas semelhantes, sem Grupos de Pesquisa, sem apoio institucional ou bolsas de estudo, sem conceitos operacionais minimamente consensuais e sem instrumentais metodológicos precisos, alguns estudiosos abriram estradas em terrenos inóspitos, muitas vezes lutando contra adversidades das próprias instituições às quais serviam profissionalmente. Jorge Bertolaso Stella foi um desses – pastor, filólogo e pesquisador apaixonado pelas religiões orientais, especialmente a tradição hindu, foi responsável pela primeira tradução da Bhagavad-Gita publicada no Brasil além de diversos artigos que merecem ser redescobertos a fim de se compreender as dificuldades em delimitar duas áreas (Teologia e Ciência da Religião) cujas raias assemelham-se às de uma piscina, posto que são demarcações que flutuam sobre as mesmas águas. Historiadores da Ciência da Religião no Brasil talvez possam, a partir desse relato, explorar a história bibliográfica e a herança desse e de outros pioneiros desconhecidos no Brasil.

Palavras-chave: Ciência da Religião; Religiografia; Jorge Bertolaso Stella; Estudos de religião no Brasil; Tradições religiosas da Índia.

Abstract: The article presents a historiographical research based on sources of the prehistory of the Study of Religion in Brazil, in a religiographic effort to understand a time when the boundaries between Theology and Study of Religion were still very uncertain. The research recovers primary documentary sources (scholarly articles and self-funded publications), written testimonies of deceased or retired researchers, and a brief record of oral history regarding the efforts of Presbyterian pastor Jorge Bertolaso Stella, who from 1930 to 1970 focused on study of various topics that were not part of the agenda of Brazilian researchers of the universities of the time. Certainly his self-learning and his style (sometimes very close to mystical literature) would not allow him to classify him as a

* Dedico esse texto ao prof. Dr. Éber Ferreira Silveira Lima (UNINOVE), que nas aulas de História da Igreja, me desafiou, incentivou e acompanhou a primeira pesquisa documental sobre a vida e obra de Jorge Bertolaso Stella.

** Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Professor do curso de Ciências da Religião da UFS. ORCID: 0000-0001-5646-3360 - contato: cecalvani@hotmail.com.

“scientist of religion” even today because he does not use this terminology. For this reason the text opts for the expression “prehistory” of the Study of Religion and Theology in Brazil. This, however, is the hallmark of all pioneers - with all the limitations of their time, without dialogue with peers in Brazil who researched similar topics institutional support or scholarships, no minimally consensual operational concepts and without precise methodological instrumentals, some scholars have paved the way in rugged terrain, often battling adversity from the very institutions they served professionally. Jorge Bertolaso Stella was one of those - pastor, philologist and passionate researcher for oriental religions, especially the Hindu tradition, was responsible for the first translation of the Bhagavad-Gita published in Brazil besides several articles that deserve to be rediscovered in order to understand the difficulties in delimiting two areas (Theology and Study of Religion) whose streaks resemble those of a swimming pool, since they are demarcations that float over the same waters. Historians of the Study of Religion in Brazil may, from this account, be able to explore into the bibliographic history and heritage of this and other unknown pioneers in Brazil.

Keywords: Study of Religion. Religiography. Jorge Bertolaso Stella. Religious Studies in Brazil. Religious traditions of India.

Introdução

Em meados da década de 1980, eu era um jovem estudante de Teologia matriculado em um Seminário Presbiteriano da cidade de São Paulo. Como qualquer calouro inexperiente, mas esforçado, dedicava-me a ler todas as indicações bibliográficas dos professores. Na época, eu ainda não ouvira falar em Ciência(s) da Religião. Os limites de meu mundo giravam em torno dos temas teológicos propostos pelo Seminário e pela Igreja à qual este servia.

No decorrer do primeiro ano de estudos, todos os calouros receberam um kit de livros doados pelo Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa, da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. O kit trazia pequenos livros de um único autor e não eram comercializados. Eram livretos antigos, de 30 a 50 páginas, sem muito trabalho editorial e com capas muito simples. A folha de rosto trazia apenas a data, mas nenhuma identificação de editora, e as folhas finais apenas informavam que os livros haviam sido impressos na “Imprensa Metodista”. Guardei-os sem muito interesse, mas nos semestres seguintes alguns títulos me chamaram a atenção e decidi folheá-los. Aqueles livros traziam informações e meditações que até então nunca tinham chegado às minhas mãos e nem ao meu conhecimento. O que mais despertou minha curiosidade eram os temas, bastante distantes do círculo da teologia restritiva e limitada à qual eu me dedicava: “O Rig Veda”, “Manuscritos do mar morto” “A oração na história das religiões”, “Bhagavad-Gita”, “Introdução às Upanishades”, “As religiões na Índia”, “Zoroastro, Buda e Cristo”, “A religião na pré-história”, “Antologia de estudos religiosos”, etc. Diga-se de passagem, em muitos Seminários e Faculdades de Teologia no Brasil, ainda hoje, tais temas continuam relegados ao ostracismo.

Decidido a conhecer mais sobre o autor, nos semestres seguintes fui à caça de informações e descobri ter sido um pastor presbiteriano muito estimado em sua instituição e que dividia seu trabalho pastoral com uma vida de pesquisas em filologia, glotologia e religiões orientais, especialmente o hinduísmo. Escreveu a primeira gramática sânscrita publicada no Brasil e que foi utilizada durante anos na USP e era um apaixonado pelo estudo das religiões orientais, sempre se esforçando por relacioná-las comparativamente

ao cristianismo. Autodidata, não tinha formação acadêmica, mas ainda assim publicara alguns artigos em revistas acadêmicas da época e era muito respeitado por docentes da USP. Hoje reconheço que o caminho que me levou da Teologia à Ciência da Religião começou naqueles pequenos livretos de Jorge Bertolaso Stella.

Essa memória inicial justifica a aspiração modesta deste texto – lembrar que, antes que a Ciência da Religião encontrasse espaço nas Universidades brasileiras 40 anos atrás, houve pioneiros de estudos de religião no Brasil, dentre eles Jorge Bertolaso Stella. Certamente seu autodidatismo e seu estilo literário (às vezes muito próximo da literatura mística) não permitiriam, aos critérios atuais, classificá-lo como um “cientista da religião”, mas como alguém que esteve na “pré-história” dessa área. Essa, porém, é a marca de todos os pioneiros – com todas as limitações de sua época, sem interlocução com pares no Brasil que pesquisassem temas semelhantes, sem Grupos de Pesquisa, sem apoio institucional, sem bolsas de estudo, sem conceitos operacionais minimamente consensuais e sem instrumentais metodológicos precisos, alguns pesquisadores abriram estradas em terrenos inóspitos, muitas vezes lutando contra adversidades das próprias instituições às quais serviam. Jorge Bertolaso Stella foi um desses – pastor, filólogo e pesquisador apaixonado pelas religiões orientais, especialmente a tradição hindu, foi responsável pela primeira tradução da Bhagavad-Gita publicada no Brasil e escreveu diversos artigos que merecem ser redescobertos. Historiadores da Ciência da Religião no Brasil talvez possam, a partir desse relato, perscrutar a história bibliográfica e a herança desse e de outros pioneiros no Brasil.

Religiografia e as fronteiras entre Teologia e Ciências da Religião

Quem propôs recentemente o conceito de “religiografia” foi Flávio Senra (2016) no contexto dos debates epistemológicos que demarcam as atitudes metodológicas e os conteúdos próprios da Ciência da Religião e da Teologia. Após “religiografar” debates da comunidade acadêmica em torno dessa tensão criativa e sintetizar 15 anos de debates entre a antiga ANPTEP e a atual ANPTECRE, o autor propõe diferentes definições para esse termo: na primeira, “o termo *religiografia* deve designar o tipo de investigação que se concentra na sistematização e análise da produção realizada por autores/as do campo de estudos da religião, bem como sobre o perfil da produção ou o estado da arte em algum tema no campo dos estudos da religião” (Senra, 2016, p. 115). Na segunda, porém, “reservamos e propomos o termo *religiografia* para nomear os aspectos do objeto ‘religião’ que até hoje foram refletidos e descritos por cientistas da religião em suas publicações (...) à religiografia competiria a avaliação crítica da produção em Ciência(s) da(s) Religião(ões)” (Idem, p. 116 e 120), e ainda “para realizar essa tarefa, a religiografia fará o levantamento de fontes de investigação sobre religião realizadas por pesquisadores/as da área” (Idem, p. 121).

A primeira definição é mais ampla que a segunda, pois alarga o leque ao falar em “estudos de religião” e não reduzir essa produção a profissionais da área vinculados a Universidades ou Institutos Acadêmicos, mas a estudiosos em geral; a segunda definição, com a ênfase em “pesquisadores da área / cientistas da religião”, restringe a pesquisa a uma fatia de especialistas com reconhecimento acadêmico.

Detalhes à parte, optamos pela abertura proporcionada na primeira definição por compreender que, mesmo fora do âmbito do reconhecimento acadêmico, sempre houve pessoas interessadas em estudar as religiões, e suas pesquisas sem dúvida oferecem algum tipo de conhecimento *ad intra*, *ad extra* ou “na fronteira” entre a pertença religiosa, os vínculos institucionais e o distanciamento epistemológico próprio da atitude científica. Ao profissional da área, naturalmente caberá, em um segundo momento, o exercício teórico de avaliar criticamente a qualidade e pertinência desse conhecimento difundido, como propõe o próprio Senra: “o/a pesquisador/a abordará a literatura disponível sobre o tema religioso específico, sendo desejável uma análise e avaliação dessa mesma literatura. Como síntese, a *religiografia* também poderá desenvolver-se como revisão de literatura e de metodologias aplicadas ao campo de estudo da religião(ões) procurando favorecer uma articulação e estabelecer padrões para métodos, técnicas, status e projeções das pesquisas da área” (Senra, 2016, p. 120).

A oportuna sugestão de Senra surge em um momento importante, no qual os pesquisadores da área reconhecem como marco temporal significativo o ano de 1979, quando se iniciam as atividades do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na PUC-SP. Reconhecendo a pertinência institucional dessa data, o presente artigo se propõe a “religiografar” fontes que nos remetem a uma “pré-história” da Ciência da Religião no Brasil, apontando para uma época em que as tentativas de delimitar as raias entre Teologia e Ciência da Religião ainda não estavam na agenda dos debates. O objeto formal aponta para o resgate da figura estranha e um tanto *sui generis* de um pastor protestante, um autodidata que, solitariamente, produziu diversos textos (alguns acadêmicos, publicados em revistas científicas de sua época), traduções, estudos, além de textos teológicos nos quais claramente se evidencia que seus estudos em religiões orientais o ajudaram a questionar muitos marcos teológicos de sua própria instituição.

A presente pesquisa apoiou-se em algumas fontes documentais diretas (textos da época escritos pelo próprio autor que é objeto dessa pesquisa), reportagens documentadas no jornal *O Estandarte* (órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil), bem como na Revista *Língua e Literatura* (Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP) e na *Revista de História*, do Departamento de História da USP.

Jorge Bertolaso Stella: dados biográficos

Jorge Bertolaso Stella (1888-1980) nasceu em Pádua (Itália) filho dos camponeses Fortunato Bertolaso e Domenica Stella, ambos analfabetos. Em 1891, com três anos de idade, seus pais lançaram-se à aventura da imigração no Brasil, e se estabeleceram em um sítio em Mogi-Mirim (SP), onde o pequeno italiano passou toda sua infância.

A difícil vida na roça o impediu de frequentar escolas na infância. Seu primeiro contato com as letras foi somente na adolescência, através de uma cartilha de alfabetização em italiano providenciada por um tio. Em 1902, aos 14 anos de idade, esteve pela primeira vez em uma Igreja Presbiteriana, convidado a participar de um culto. O adolescente impressionou-se com a mensagem e aderiu ao grupo. No dia 20 de outubro

de 1903, aos 15 anos de idade, recebeu o batismo e professou sua fé conforme os ritos presbiterianos perante o rev. Ernesto Luís de Oliveira. Apenas dois meses antes, em 31 de julho do mesmo ano, o rev. Ernesto, juntamente com outros seis pastores, havia rompido com a Igreja Presbiteriana do Brasil, e organizado o Sínodo da *Egreja Presbyteriana Independente Brasileira* (grafia da época, atualmente tem o nome de Igreja Presbiteriana Independente do Brasil – IPI). O jovem Bertolaso, mesmo sem conhecer as entranhas das lutas eclesiásticas foi, portanto, um dos primeiros membros comungantes da IPI do Brasil. O rev. Ernesto, percebendo no jovem um profundo interesse pelo estudo da teologia, mas sabendo que o mesmo era carroceiro, incentivou-o a estudar como autodidata e providenciou-lhe cartilhas de alfabetização em português. Desse modo, seu letramento na língua portuguesa só começou a partir dos 15 anos e, mesmo assim, com cartilhas.

Em 1909, aos 21 anos de idade, transferiu-se para Jaú (SP), trabalhando em pequenos comércios e fazendo estudos preparatórios com o pastor local. Nessa época começam a se revelar seus dotes de educador, pois, mesmo com pouca instrução, já conseguia transmitir aulas de alfabetização em uma escola noturna para camponeses adultos que funcionava em uma fazenda. Aliando determinação e força de vontade a uma incomum inteligência, aplicou-se nos estudos teológicos a partir de livros que lhe eram enviados de São Paulo pelos pastores Eduardo Carlos Pereira e Vicente Themudo Lessa. É nessa época que começa também seu interesse pelo estudo das línguas, aplicando-se ao grego clássico e ao grego “koiné”. Anos mais tarde, ao ser empossado como Membro da Academia Evangélica de Letras, afirmou no discurso de posse que ele mesmo não tinha diploma algum, nem do Grupo Escolar, nem do Ginásio e nem mesmo do Seminário (Stella, 1970, p. 22).

Em 1918, naturalizou-se brasileiro e, no mesmo ano, casou-se com a professora Iracema de Barros, com quem viveu até que esta veio a falecer, em 1968. No ano seguinte, em fevereiro de 1919, aos 31 anos de idade, foi licenciado ao pastorado, sendo designado para trabalhar na IPI de Santa Cruz do Rio Pardo (SP). No sistema presbiteriano, esse é o título que se dá ao último estágio antes da ordenação formal. Um licenciado trabalha durante um tempo sob a supervisão de um tutor, como que cumprindo um “estágio probatório”, com diversas responsabilidades pastorais, evangelísticas e educativas, mas ainda sem a autorização oficial para presidir ofícios sacramentais. Cinco meses depois, no dia 13 de julho de 1919, foi ordenado ao ministério presbiteriano, recebendo o vasto campo da região de Sorocaba, no interior de São Paulo. Nessa cidade também exerceu o magistério, ensinando latim no Ginásio Municipal de Sorocaba durante anos e dando aulas particulares de grego, latim e teologia. Durante a década de vinte e o início da década de trinta, acumulou responsabilidades pastorais em regiões distantes para as possibilidades de locomoção da época, atendendo de cavalo, carroça e de trem às Igrejas de Santa Cruz do Rio Pardo, Óleo, Piraju, Fartura, Ourinhos, Chavantes, Assis, Turvinho, Porto Feliz, Tietê, Piracambuçu, Itapetininga, Curitiba, Antonina (PR), São Francisco do Sul (SC), até que em 1933 foi eleito para pastorear a maior igreja da denominação, a 1ª IPI de São Paulo, na qual permaneceu até sua morte, em 1980.

Ainda durante a década de vinte, entrou em contato com Alfredo Trombeti, que lançara um livro sobre a unidade linguística, e passou a adquirir avidamente os

livros mais recentes sobre Glotologia, Paleontologia, Arqueologia, Etnografia e Religiões Comparadas. Seu primeiro livreto foi lançado em 1927, com o título “Monogenismo linguístico – traços de glotologia comparada”, no qual defendia, a partir dos estudos de Trombeti, que todas as línguas derivavam de uma única fonte.

Dedicou-se então ao estudo das línguas orientais, especialmente o sânscrito, para melhor compreender a literatura religiosa do hinduísmo. Aos poucos, adquiriu uma rara e preciosa biblioteca especializada no assunto, que foi doada ao Departamento de Línguas da Universidade de São Paulo em 1970. Detalhes dessa biblioteca e a importância de sua doação para a USP foram registrados pela professora Dra. Maria Luíza Miazzi, do Departamento de Línguas da USP, em artigo de 1976 na Revista *Língua e Literatura*. Miazzi considerou, à época, essa biblioteca como “prodigiosa e invejável” (Miazzi, 1976, p. 279), a ponto de dedicar a ela um artigo científico, no qual registra a memória:

Quando iniciamos o Curso de Sânscrito, em 1968, a carência de bibliografia era total e de acesso difícil, pois obras fundamentais estavam esgotadas e o aluno dispunha apenas do material que lhe podíamos oferecer, por xerox ou empréstimo. Algum raro livro estrangeiro que aparecesse era caríssimo. [...] Só então pudemos avaliar o real tesouro que ali existia; Instalados os livros numa sala dos Cursos de Línguas Orientais, do Departamento de História, vieram a constituir a “Biblioteca Rev. Jorge Bertolaso Stella”. A medida que os desencaixotávamos, deslumbrava-nos seu conteúdo: jamais poderíamos supor que em São Paulo, ou alhures, houvesse uma biblioteca particular tão rica, seja na área de linguística geral e aplicada, como, em especial, de língua e literatura sânscrita. Contem a Biblioteca cerca de 3.000 livros, que vão sendo acrescentados, à medida que o próprio Reverendo nos envia novos volumes adquiridos. Dos três milhares, a maioria é relacionada com o sânscrito. Nota-se o carinho dispensado a essa língua e sua literatura, assim como a outras da Índia, aos seus sistemas filosóficos, etc., por haver conseguido o Rev. Bertolaso obras raríssimas, coleções extraordinárias, textos que inúmeros cultores do indianismo desejariam e não têm ao dispor. (Miazzi, 1976, p. 307, 308 e 309).

No mesmo ano, recebeu em sua casa a visita de uma comitiva de 51 alunos do curso de sânscrito da USP, acompanhados pelos professores Eurípedes Simões de Paula (Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), Teodoro Henrique Maurer Júnior, Isaac Nicolau Salum, Cidmar Paes, Maria Luíza Miazzi, Isidoro Bleksteins e Carlos Edgar Kugelhas, que lhe comunicaram a USP o homenageara com a escolha de seu nome para o grande acervo sobre indianismo do Departamento de Línguas daquela instituição.

Bertolaso Stella fez parte de uma importante geração – a da “Cultura Religiosa” (Calvani, 2015, p. 1900) um grupo de líderes protestantes intelectualizados e teologicamente liberais que despontou entre os anos 30 e 50 em São Paulo. Liderados pelos pastores Miguel Rizzo Júnior, Theodoro Maurer e outros, essa geração alinhava-se com os ideais de progresso científico da modernidade, inspirada no protestantismo francês (de forte influência iluminista) e que muito investia no potencial transformador da educação. Rizzo Júnior, por exemplo, editou a *Revista de Cultura Religiosa* (1921-1926), além de *Lucerna* (1929 e 1930), *Fé e Vida* (1939-1945) e *Unitas* (1945-1963), que abordavam temas científicos, sociais e culturais da época visando “habilitar os protestantes brasileiros ao diálogo inteligente com o que seus dirigentes chamavam de ‘classes cultas’ brasileiras” (Lima, 2009, p. 89). Éber Ferreira Lima (2009), em tese sobre os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura entre 1903 e 1942, recupera

muitos detalhes dessa história, destacando a inserção de muitos desses protestantes no processo de consolidação da USP a partir de 1935. Bertolaso Stella, particularmente, tornou-se amigo de dois protestantes franceses que lecionaram nos primórdios da USP: Roger Bastide e Émile Léonard, que várias vezes participaram de cultos na 1ª Igreja Presbiteriana Independente, por ele pastoreada.

Atividade pastoral: entre as pressões institucionais e a “atitude mística”

Bertolaso sempre nutriu em sua personalidade forte atração pela literatura mística e todo o imaginário que envolve a narrativa dessas experiências. Talvez por isso nunca tenha considerado a possibilidade de dedicar-se exclusivamente à vida acadêmica e exercer o ministério pastoral em tempo parcial. Mesmo tendo participado de diversas bancas de dissertações e teses na USP, como atesta Miazzi (1976, p. 278) e tendo sido até mesmo insistentemente solicitado a lecionar como professor-colaborador daquela instituição, sempre preferiu fazer do trabalho pastoral o carro-chefe de sua vida. A falta de formação acadêmica não representava impedimento para atuar no mundo acadêmico da época, pois a legislação em vigor servia-se muito da brecha do “notório saber”. Foram 61 anos de pastorado (1919-1980), 47 dos quais dedicados exclusivamente à 1ª IPI de São Paulo, comunidade pela qual tinha especial atenção, a ponto de doar, em testamento àquela igreja, os bens e imóveis adquiridos ao longo de seu tempo de pastorado – a casa onde residia, na Lapa, um sítio em Mogi Mirim e dois terrenos na capital paulista. Porém, Bertolaso nunca entendeu que seu ofício pastoral se limitasse apenas à 1ª IPI. Considerava o ministério pastoral como uma vocação de serviço ao mundo e às pessoas de qualquer religião, tendo afirmado:

Eu nasci para ser pastor. Somente fui pastor em toda a minha vida. E nunca me arrependi de ser pastor. Sondando a minha consciência, fui chamado por Deus para essa missão espinhosa, mas divina. Como pastor, exerço a minha tarefa entre os homens quem quer sejam e pertençam à religião que pertencerem, porque na realidade, a religião é uma só. As religiões são aspectos vários da revelação de Deus (Stella, 1979, pp. 7-8).

Bertolaso viveu em uma época diferente da nossa, na qual os ministros protestantes eram reconhecidos na sociedade, mesmo por católicos, agnósticos e ateus, como homens de cultura e honestidade. Além disso, entre os anos trinta e os anos setenta, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil foi berço de muitos intelectuais que ingressaram nos quadros da USP e de outras universidades. Bertolaso foi pastor e professor de muitos deles na 1ª IPI de São Paulo, tais como os professores drs. Lívio Teixeira, Theodoro Henrique Maurer Júnior, Jorge César Mota, Isaac Nicolau Salum, Flaminio Fávero (primeiro diretor da faculdade de medicina da USP), dentre outros. Mota, inclusive publicou um artigo na revista da USP, no qual registra na primeira nota de rodapé: “escrito em homenagem ao Prof. Reverendo Jorge Bertolaso Stella, *precursor entre nós, dos estudos sobre História das Religiões*” (Mota, 1975, p. 657, grifos meus).

Na condição de pastor em um tempo no qual a Teologia não era reconhecida como um saber digno de figurar no mundo acadêmico das universidades brasileiras, dedicou-se ao trabalho pastoral ininterruptamente. Seu nome foi dado ao pavilhão do

sétimo andar do edifício da 1ª Igreja Presbiteriana Independente na Rua Nestor Pestana em São Paulo, no qual se localizam os gabinetes dos pastores da igreja e a sala de reuniões do conselho da Igreja. Em um de seus escritos (“Orações da alma”) registrou a seguinte “Oração da manhã”, carregada de elementos da mística de Eckhart, Boehme, do pseudo-Dionísio e da tradição cristã neoplatônica:

Chegou, Senhor, um novo dia. Vou exercer o meu ministério sagrado. Faze que eu compreenda que não sou somente pastor do rebanho que estou à frente pela Providência, mas também das outras pessoas que pertencem a outras igrejas, sejam elas quais forem. Não só isto, ó meu Guia, porém, que eu seja compreensivo e veja em cada indivíduo, homem ou mulher, moço ou moça, velho ou criança, uma consciência indestrutível, a quem eu diga uma palavra, um conselho, sempre com um fim construtivo. Vou, ó Deus, penetrar nessa massa humana heterogênea. Deparei, dentro em breve, com homens de toda a classe e condição; um bom, outro mau; um verdadeiro, outro mentiroso; um pacificador, outro intrigante e belicoso; um justo, outro injusto; um altruísta, outro ladrão; um puro, outro impuro e perverso. Dá-me, ó Santo Deus, o dom de Jesus, pastor supremo, para que eu olhe não para o rosto da criatura ou para suas atitudes, mas olhe através o corpo, a parte consistente do indivíduo, a sua alma, que é igual à minha e de todos, e saiba eu, exercer o mister árduo de curar, sanear e salvar. Livra-me, ó santo Deus, de dizer uma palavra, de tomar uma atitude, que leve à alma de quem quer seja, uma gota de veneno e destrua, assim, seus pensamentos nobres. E ao voltar hoje, Senhor, de semear o bem, de curar feridas da alma, rogo-te que eu venha perante ti para dar conta do meu trabalho com uma boa consciência. Seja para mim, ó Pai de infinita misericórdia, a aurora da tarde, suprema alegria, como a aurora da manhã para a natureza que desperta de júbilo. Louvado seja o teu nome. (Stella, 1966, p. 27).

Atualmente parece impossível e impensável que um autodidata sem qualquer diploma atingisse o nível de respeitabilidade que angariou na época. Mas os tempos eram outros, e também a legislação que rege o mundo acadêmico. Entre os anos trinta e os anos setenta, muitas pessoas se efetivaram em universidades pelo “notório saber”, reconhecido pelos demais pesquisadores. O prof. Dr. Isaac Nicolau Salum lembrou uma ocasião em que o Departamento de Línguas da USP entrou em contato com o Instituto de Estudos Etruscos da Itália a fim de sondar se haveria algum pesquisador interessado em passar um tempo lecionando no Brasil. A resposta foi que o próprio instituto italiano tinha como um de seus referenciais os textos enviados por um pesquisador que morava em São Paulo, muito próximo à USP (à rua Baré), referindo-se a Jorge Bertolaso Stella. Infelizmente, não há fontes escritas que abalzem essa informação, exceto a lembrança do prof. Salum. Porém, “fato” histórico ou “lenda”, a informação foi confirmada pelo Dr. Antonio Gouvea Mendonça, que foi seu aluno e posteriormente íntimo, ao autor deste texto em 1994 em uma reunião de Grupo de Pesquisa da UMESP.

Pesquisador autodidata em “estudos de religião”

Jorge Bertolaso Stella pesquisou diversos temas ligados à história das religiões, filologia de textos sagrados, literatura mística e experiência religiosa, além de temas ligados mais especificamente à teologia cristã. Essas pesquisas solitárias e sem muitos interlocutores no Brasil da época se transformaram em pequenos livretos de divulgação. Considerando-se o autodidatismo e uma época na qual a própria metodologia da

pesquisa científica em Ciências da Religião era inexistente no Brasil, é de se admirar o leque de temas abordados.

Sua produção como escritor foi extensa, mas bastante dispersa. Até 1970, data em que foi empossado na Academia Evangélica de Letras, havia publicado 103 obras (Stella, 1970, p. 22). Após essa data, publicou ainda cerca de 30 estudos. Miazzi catalogou, em 1976, 150 artigos acadêmicos ou publicados em jornais, e os classificou em cinco tipos: 1) artigos de caráter linguístico em jornais; 2) obras religiosas; 3) obras linguísticas em geral; 4) obras relativas ao indianismo; 5) miscelâneas. (Miazzi, 1976, p. 280). Essas obras hoje são difíceis de encontrar, embora, com algum esforço de pesquisa, possam ser encontradas na internet ou em bibliotecas mais antigas.

Seu estilo de escrita era minimalista: frases curtas, quase como que pequenos aforismos, alguns deles em tom pastoral e outros à moda dos solilóquios místicos como os de Agostinho. Os livretos impressos pela Imprensa Metodista não traziam as preocupações formais e acadêmicas que temos hoje. Não há, por exemplo, ISBN ou ficha catalográfica. Cada pequeno livreto corresponde ao que hoje considerariamos um “artigo científico” ou uma “comunicação científica” e, de fato, alguns são reprodução de artigos publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, na *Revista de Educação* da antiga Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo (equivalente à Secretaria Estadual de Educação), na *Revista da USP*, onde publicou “A morte de Pericle Ducati e a etruscologia” (1950), “História das Religiões” (1964) e uma resenha de “L’Afrique Poliglote”, livro de Oddone Assirelli, que atraiu os olhares acadêmicos para o estudo das línguas e religiões africanas, na *Revista Letras* da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na revista *Alfa*, uma das mais antigas publicações acadêmicas de Linguística do Brasil, onde é possível encontrar três artigos de sua autoria na edição virtual da internet: “Um Novo Testamento basco” (1963), “O Râmâyana” (1966) e “Afinidade entre o basco e o caucásico” (1968).

O aparente descuido na edição dos livretos, porém, não desmerece o esforço do pesquisador, sobretudo se levarmos em consideração a temática pouco atrativa para a época, os poucos recursos do autor que financiava, ele mesmo, as impressões, e o fato de que, entre os anos trinta e o início dos anos setenta, sequer se ventilava no Brasil a possibilidade de que Teologia ou Ciências da Religião se tornassem áreas de conhecimento reconhecidas pelo MEC, CAPES ou CNPQ.

Além das revistas acima citadas, Bertolaso colaborou também com a *Revista de Cultura Religiosa* editada por Miguel Rizzo Júnior nos anos 30, com a *Revista Simpósio*, da ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, ainda em circulação), e com inúmeros textos e reflexões nas páginas do jornal *O Estandarte*, órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. No anexo deste artigo apresentamos uma relação de livros publicados, encontrados no acervo das bibliotecas da Faculdade de Teologia da IPI e da Faculdade Metodista em São Bernardo do Campo.

Sua atividade como primeiro tradutor brasileiro do Bhagavad-Gita tem sido cada vez mais reconhecida academicamente. Essa tradução foi encomendada pelo Departamento de Línguas da USP e publicada na “Coleção da Revista de História” em 1970. Rodrigo Gomes Ferreira, em dissertação de Mestrado defendida em 2002, observa que “Stella é um dos únicos tradutores de edições brasileiras que teve como base o texto da BG em

sânscrito” (Ferreira, 2002, p. 79) e assegura: “Das oito traduções do *corpus*, apenas Stella (1970) parece ter tido como texto original base alguma edição em sânscrito” (Idem, p. 53, nota 47). Digno de menção também é o fato de que Bertolaso foi o primeiro autor a publicar no Brasil uma primeira avaliação dos manuscritos essênios da Comunidade de Qumram (conhecidos como Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947).

Além da produção escrita, Jorge Bertolaso Stella também foi um dos fundadores da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo e membro da Sociedade Bíblica do Brasil, colaborando nas contínuas revisões e traduções da Bíblia em português, especialmente por sua familiaridade com o grego-koiné. Foi membro correspondente da Academia Amazonense de Letras, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraíba, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Norte; membro titular do Instituto de Estudos Etruscos da Itália, da Sociedade Geográfica de Lima (Peru), do Instituto Americano de Estudios Vascos de Buenos Aires, membro honorário do *L’Institut pour la Paix Universelle*, membro da Sociedade Geográfica Brasileira e da Sociedade Linguística de Paris.

A influência dos estudos de religião em uma teologia ousada para sua época

A formação teológica formal de Bertolaso foi bastante precária e dependente dos livros que lhe eram enviados por outros pastores e pelo acompanhamento de colegas através de cartas. Ainda assim, desenvolveu, ao longo dos tempos, um pensamento próprio e bastante avançado para os limites da reflexão teológica do protestantismo brasileiro de seu tempo. Essa abertura de horizontes certamente se deu a partir de suas pesquisas e estudos em religiões diferentes da sua, confirmando antecipadamente as palavras de Afonso Ligorio Soares de que as ciências da religião oferecem um “choque de realidade” a muitos teólogos:

[...] as ciências da religião oferecem [...] um conhecimento rigoroso que propicia ao teólogo um choque de realidade e uma erudição mais refinada que o beneficiará em suas reflexões sobre fé, revelação e dogma (Soares, 2007, p. 303).

Embora nunca tenha esboçado qualquer tentativa de sistematizar seu pensamento teológico, é possível mapear em textos de diferentes épocas, algumas preocupações contínuas que amadureceram na mesma medida e proporção com que o autor se dedicava aos estudos de outras religiões.

Deus é universal

Nos textos mais especificamente teológicos e nas meditações pastorais, percebe-se o ininterrupto tema da Revelação, que, para ele, não se encontrava exclusivamente no cristianismo. Para ele, “Deus é chamado o Infinito, a Natureza, a Energia, a Força, a Vida, o Eterno, o Onisciente, o Onipotente, o Infalível, Brahman, Jeová, Eloin, Alá e

por muitos outros nomes” (Stella, 1976, p. 6). Para Bertolaso, Deus é universal e jamais poderia ser conhecido objetivamente, pois qualquer afirmação com essa pretensão o reduziria a algo menor que o próprio homem. Desse modo, “ninguém define a Deus. Um Deus conhecido cessaria de ser Deus, porque seria como cada um de nós. Ele é um conosco e quem é um conosco não é cognoscível como o nosso próprio eu” (Stella, 1976, p.6). Embora essa afirmação seja tipicamente semelhante às argumentações de Schelling e, mais tarde, de Paul Tillich, não há qualquer indício de que Bertolaso tenha lido esses autores. É mais plausível admitir ter chegado a tais considerações pela leitura comparativa dos próprios textos religiosos.

O aprofundamento em estudos de religião alargou muitos horizontes do pastor presbiteriano, ao mesmo tempo em que o levou a questionar a restritividade da teologia ensinada em sua época. Em suas palavras, “A Teologia é matéria dominante do púlpito. Mas não uma teologia unilateral, proselitista, exclusiva de uma determinada religião, porém uma teologia universal. Não há um Deus para cada religião. Deus é um e é universal. Assim este Deus não está só na Bíblia, mas também nos outros livros religiosos das outras religiões” (Stella, 1980c, p. 11).

A Revelação está em todas as religiões

Sendo Deus Universal, sua revelação também não poderia ser limitada somente a um livro. Na época em que o fundamentalismo teológico evangélico crescia avassaladoramente no Brasil, Bertolaso alertava em uma série de sermões e homilias proferidas na 1ª IPI de São Paulo:

Que é a Palavra de Deus? Para o judeu, a palavra de Deus é o “Velho Testamento”; para o maometano a palavra de Deus é o Corão; para o persa a palavra de Deus é o Avesta; para o hindu a palavra de Deus são os Vedas; para os cristãos, a palavra de Deus é a Bíblia. Todos esses livros e outros códigos sagrados, contêm e são a “Palavra de Deus”, mas não são os únicos arquivos da “Palavra de Deus”. A “Palavra de Deus” encontra-se também na terra, na vegetação, nos seres vivos, nas nuvens, no ar, nos astros, no sol, nas estrelas, numa palavra, na Natureza que não é outra coisa senão Deus em todas as coisas. Tudo quanto revela a Deus é a Palavra de Deus (Stella, 1977, pp. 48-49).

Essa abertura ao reconhecimento da Revelação para além de sua própria tradição religiosa representa grande alargamento teórico para os padrões presbiterianos. Tal dilatação, porém, nunca levou o autor a desvalorizar as Escrituras judaico-cristãs ou a figura de Jesus Cristo. Novamente lembrando Afonso Soares, “a Teologia focada em sua tradição espiritual, ela [a teologia] testa até o fim – se for uma boa teologia – a consciência interna dessa tradição sem driblar problemas insidiosos, *sem mudar de religião ao chegar nos inevitáveis pontos cegos da tradição recebida e sem ceder a fáceis hibridismos*” (Soares, 2007, p. 303, grifos meus).

No caso de Bertolaso, como pastor – e talvez para preservar-se das acusações de heresia que desafetos frequentemente lhe dirigiam – apelava para o argumento tipicamente protestante da subjetividade, quando se referia a Jesus Cristo: “Como cada homem é como outro homem, cada religião é como outra religião, cada Bíblia é como outra Bíblia. Os chamados fundadores de religiões, como Buda, Zoroastro, Moisés,

Maomé e Cristo, são intérpretes de Deus, revelado através da experiência e dependendo do grau de consciência divina de cada um. Mas Cristo, para mim, é diferente dos outros” (Stella, 1979a, p. 9), e ainda “ninguém revela a Deus melhor do que Cristo... Jesus é o meu guia e está no meu coração” (Stella, 1974, p.4).

O arianismo é bíblico e lógico

Tal pensamento o conduziu, naturalmente, a uma posição crítica frente aos tradicionais dogmas cristãos. Sobre a pessoa de Cristo, por exemplo, Bertolaso identificava-se mais com Ário, cujo pensamento (arianismo) foi considerado herético, que com o dogma oficial expresso no Credo Niceno:

Muitas inovações penetraram no Cristo da fé e sepultaram o Cristo da história. Foi neste período que se processaram em nome de Deus as perseguições a milhares de criaturas indefesas; [...] as heresias vão voltar, em minha opinião, especialmente o arianismo que é bíblico e lógico. Ário deu a definição exata da natureza de Jesus, baseando-se nos Evangelhos. As Igrejas adotavam o arianismo. Após o célebre Concílio de Niceia, do qual Deus esteve ausente, muitas igrejas continuaram arianas (Stella, 1980c, p. 35).

Sobre esse mesmo Concílio, escreveu em outra ocasião: “O célebre Credo de Niceia, aprovado em 325, que muita gente o repete quase de joelhos, se fosse apertado nas mãos revelaria gotas de sangue, porque foi elaborado no ambiente de discórdia, inveja e ódio. Deus esteve ausente do Concílio” (Stella, 1974, p. 15).

Todos se salvam

A compreensão aberta e universal de Revelação naturalmente o conduziu a professar, teologicamente, o universalismo soteriológico, em oposição ao *corpus* doutrinário de sua própria igreja. Para ele, a salvação não era um privilégio exclusivo dos cristãos. Em mensagem pregada à 1ª IPI, anunciou: “Os católicos romanos que professam alguns erros no conceito protestante salvam-se? Salvam-se também. Por fim, aqueles que não têm religião ou que professam o budismo, maometismo e outros que professam o fetichismo [sic] salvam-se? Salvam-se, sim. Deus não olha para a parte exterior de qualquer religião. Ninguém que tenha uma centelha divina se perde” (Stella, 1980a, p. 37).

Jesus não regressará

De outra feita, sobre a compreensão tradicional da segunda vinda corporal de Cristo, professada por muitos evangélicos e doutrina aceita em sua igreja, Bertolaso afirma: “Como se sabe, a segunda vinda é esperada por muitos cristãos. Eles oram nesse sentido, fazem exposições sobre o assunto, escrevem livros sobre a matéria. Mas o mundo não acaba. Nunca acabará. Jesus não virá. Nós iremos estar com Ele. Não se perca tempo, pois, em esperar uma coisa que não vem” (Stella, 1980b, p. 38).

Um místico comunista

A grande paixão de Bertolaso era pelo estudo das religiões, especialmente a tradição hindu. Talvez por isso nunca tenha se preocupado em escrever qualquer livro abordando especificamente questões sociais. Contudo, é possível encontrar em alguns de seus estudos, e principalmente nas homilias e sermões, declarações bastante ousadas para os padrões protestantes, sobretudo na época do regime militar, entre os anos sessenta e oitenta. Escrevendo sobre o problema da fome, ele lamenta:

Fome. Palavra terrível e desnorteadora. Morrem milhares de pessoas por dia, de fome. Quantas crianças ceifadas por ela, quantas mães desgraçadas que, às vezes, atiram-se ao mal para proteger seus filhos. E por outro lado, quanta gente rica, avarenta, indiferente à morte de seus semelhantes pelo flagelo da fome. Quantas pessoas com propriedades amplas recompensam àqueles que as servem e lhe dão um ordenado miserável, quase uma migalha de pão. A humanidade não pode continuar assim, uns ricos, outros pobres, uns ricos a esbanjar, e outros a trabalhar, mas com fome. É mister uma nova organização social (Stella, 1980b, p. 10).

As lembranças da infância como imigrante e da juventude como carroceiro semialfabeto certamente reverberam no texto acima. Por outro lado, o estudo contínuo da literatura religiosa, especialmente as narrativas místicas, reverbera em um de seus últimos sermões apregoados na 1ª IPI de São Paulo em 1980:

[...] não haverá terras vagas. As terras serão divididas. As riquezas não pertencerão a alguns somente, mas a todos [...] Tudo para todos, como a natureza que pertence a todos e a todos os seus filhos dá igualmente [...] virá o comunismo racional baseado no princípio racional: 'o que é meu, é teu'. Os animais são comunistas [...] a criança nasce comunista [...] a natureza, nossa mãe, é comunista [...] a Igreja Primitiva praticou o comunismo [...] enquanto houver capitalismo e riqueza acumulada, não haverá direitos humanos (Stella, 1980c, p. 41 e 43).

Considerações finais

Quarenta anos de Ciência da Religião no Brasil certamente é uma efeméride importantíssima que indica o fortalecimento, amadurecimento e autonomia desta área. Apesar disso, permanecem em muitos de nossos debates epistemológicos, seja no âmbito da ANPTECRE ou da SOTER, o tema das relações (ora tensas, ora flexíveis) entre Teologia e Ciência(s) da Religião. A permeabilidade entre essas duas perspectivas tem acompanhado a história dos estudos de religião e é perceptível nas obras de pesquisadores como Nathan Söderblom, Gerhard van der Leeuw e outros.

Os estudos de Bertolaso refletem essa tensão e, ao mesmo tempo, essa flexibilidade. Nesse caso, a metáfora das raias de uma piscina pode ser útil. As raias delimitam os limites das braçadas e movimentos do nadador. Porém, as raias flutuam sobre as mesmas águas e, nesse caso, Bertolaso era um “nadador” bastante despreocupado com delimitações. Embora nunca tenha utilizado o termo “Ciência”, é possível perceber em seus escritos uma aproximação muito nítida com a Filologia, a Escola da História das Religiões Comparadas e, nos últimos anos, de aprofundamento nas narrativas místicas.

Já idoso, em sua última homilia, não cansou de repetir o refrão “Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti”.

Ainda assim, é oportuno lembrar que, mesmo sem referenciais metodológicos muito claros e sem marcos referenciais ou epistemológicos precisos, alguns pioneiros se arriscaram em desenvolver estudos de religião no Brasil. Bertolaso foi um desses e certamente há outros cujos textos são pouco conhecidos. Exatamente aqui reside a originalidade e uma pesquisa histórica de caráter religiográfico – chamar a atenção para uma produção bibliográfica pouco conhecida hoje e exercer sobre ela uma hermenêutica compreensiva a fim de identificar motivações subjetivas e seus eventuais ganhos e prejuízos.

Desse modo, o que torna Bertolaso Stella um autor de difícil classificação, também se oferece como um desafio: como compreender o conhecimento produzido por um pastor autodidata, alfabetizado somente na juventude e de inclinações místicas? O pastor que substituiu Bertolaso à frente da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo talvez nos ajude, quando lembra:

Bertolaso Stella era um místico. Os místicos nem sempre são bem compreendidos. Eles vivem numa esfera religiosa muito especial. Aqueles que não têm a alma mística, o coração místico, os olhos místicos, as mãos místicas, os pés místicos, não podem entender os gestos, o olhar, o falar, o caminhar e o pensar daqueles que são místicos por excelência (Silveira, 1980, p. 7).

Nesses quarenta anos de Ciência da Religião no Brasil, quando ainda discutimos o estatuto epistemológico dessa área e as fronteiras e interpenetrações com a Teologia, colegas dessas áreas, especialmente historiadores, talvez se sintam desafiados a escavar as entranhas de bibliotecas de Seminários Teológicos antigos e de centros de documentação de Igrejas. Essa pesquisa pode render surpreendentes resultados e nos revelar um estranho grupo de pioneiros que, trabalhando isoladamente e sem recursos, ousaram romper fronteiras institucionais e dirigir seu olhar para o fascinante mundo das religiões e das experiências religiosas. Nesse intercâmbio, o pastor de inclinações místicas alargou consideravelmente seus horizontes teológicos.

Referências

A BHAGAVAD-GÎTÂ. Tradução de Jorge Bertolaso Stella. Coleção da Revista de história; 32. São Paulo, 1970.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil – um projeto que ainda não se extinguiu. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, pp. 1896-1929, out./dez. 2015.

FERREIRA, Rodrigo Gomes. Análise das notas de tradução em edições brasileiras da Bhagavad-Gita. (Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, 370 p.

LIMA, Éber Ferreira S. Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942). 2008, 195 p. Tese (Doutorado em História) - UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2008.

MIAZZI, Maria Luíza F. Perfil de um indianista e glotólogo e sua inestimável contribuição à USP: a Biblioteca Revd. Jorge Bertolaso Stella. São Paulo. Língua e Literatura - Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1976, pp. 275-310.

MOTA, Jorge César. A história das religiões no currículo da Universidade. São Paulo: Revista de História – Departamento de História da USP, v. 52, n. 103, pp. 657-678, jul/set 1975.

SENRA, Flávio. O teólogo e o cientista da religião. Religiografia acerca das interfaces entre Ciências da Religião ou Religiologia e Teologia no Brasil. São Paulo: Rever, Ano 16, n. 01, Jan/Abr, 2016.

SILVEIRA, Abival Pires da. Um rumor de anjo. O Estandarte (órgão oficial da IPI do Brasil), 15 de novembro de 1980, p.7.

SOARES, Afonso Ligório. A teologia em diálogo com a ciência da religião. In. USARSKI, F (Org.). O espectro disciplinar da ciência da religião. Coleção Repensando a Religião. São Paulo: Paulinas, 2007.

STELLA, Jorge Bertolaso. História das religiões. Revista de História. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, vol. 31, n. 64, pp. 403-409, 1965.

STELLA, Jorge Bertolaso. Orações da alma. São Paulo: edição do autor, 1966.

STELLA, Jorge Bertolaso. Uma longa jornada – discurso de posse na Academia Evangélica de Letras, São Paulo, 1ª IPI de São Paulo, 1970.

STELLA, Jorge Bertolaso. A primeira IPI de São Paulo e a renovação. São Paulo: edição do autor, 1974.

STELLA, Jorge Bertolaso. O Bem e o problema do mal. São Paulo: edição do autor, 1976.

STELLA, Jorge Bertolaso. Mensagens evangélicas. São Paulo: edição do autor, 1977.

STELLA, Jorge Bertolaso. Antologia de estudos religiosos. São Paulo: edição do autor, 1979.

STELLA, Jorge Bertolaso. O culto da razão - mensagem pregada em 05/03/1980 por ocasião do aniversário de 115 anos da 1ª IPI de São Paulo. São Paulo, 1ª IPI de São Paulo, 1980a.

STELLA, Jorge Bertolaso. As perguntas de Jesus. São Paulo: edição do autor, 1980b.

STELLA, Jorge Bertolaso. A Igreja e o terceiro milênio. São Paulo; edição do autor, 1980c.

Anexo

Livros e Artigos de Jorge Bertolaso Stella encontrados nas bibliotecas das Faculdades de Teologia da IPI do Brasil em São Paulo, da Faculdade Metodista de Teologia em São Bernardo do Campo (SP) e no Centro de Documentação e História Revd. Vicente Themudo Lessa, da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

- 1927 - Monogenismo linguístico.
- 1928 - As línguas indígenas da América.
- 1929 - Conexão linguística basco-americana.
- 1929 - A língua dos heteus” Revista da Língua Portuguesa, n.º 57.
- 1929 - A língua dos elamitas - Revista da Língua Portuguesa, ano X, n.º 60.
- 1930 - A língua etrusca. Irmaos Ferraz, S. Paulo 1930, 84 páginas.
- 1933 - Vestígios da língua primitiva.
- 1933 - A vida científica de Trombetti.
- 1934 - Glotologia e pré-história.
- 1944 - As sete cartas do Apocalipse.
- 1945 - História da glotologia - Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos, tomo I, n.º 2.
- 1954 - A língua basca.
- 1956 - Provérbios da Índia (Traduzidos diretamente pelo autor) (reeditado em 1971).
- 1957 - A língua sânscrita e a cultura.
- 1957 - Os Purâna.
- 1958 - O Rig-Veda.
- 1959 - A Gramática de Pânini.
- 1959 - O Atharva-Veda.
- 1960 - A descoberta dos papiros do Mar Morto.
- 1960 - A religião de Jina.
- 1961 - Os manuscritos do Mar Morto (republicado em 1972).
- 1963 - O hino cosmogônico do Rig-Veda.
- 1965 - O cristianismo e a glotologia - Revista de Historia, n.º 63, Departamento de História da USP.
- 1965 - História das Religiões (Revista de História, n; 64 – Departamento de História da USP).
- 1966 - Orações da alma.
- 1966 - Tentação.
- 1966 - “O Ramayana” - Revista ALFA, n.º 10, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1966.
- 1967 - A oração na história das religiões.
- 1967 - Bhagavad-Gita.
- 1968 - Pai Nosso.
- 1968 - O Mahabharata” - Revista Letras n.º 16, Curitiba, UFPR, 1968.
- 1969 - Religião e história.
- 1969 - Introdução às Upanishades.
- 1969 - O hino cosmogônico do Rig-Veda - Revista Letras n.º 17, Curitiba, UFPR, 1969.
- 1970 - Introdução à história das religiões.

- 1970 - Uma longa jornada.
1970 - Os Purana - Separata da Revista Letras n.º 18, Curitiba, UFPR, 1970.
1971 - As religiões da Índia.
1971 - Zoroastro, Buda e Cristo.
1971 - Uma vida eficiente.
1971 - Antônio Conselheiro, o místico de “Os sertões” – Revista Letras, Curitiba, UFPR, 1971.
1972 - A Bhagavad-Gita e o Novo Testamento.
1972 - História do Indianismo.
1972 - Um só mundo, um só Deus e uma só religião.
1972 - A vida de Jesus Cristo.
1973 - História da reencarnação.
1973 - Provérbios da família.
1973 - O homem.
1973 - O Atharvaveda. Revista de Historia, n.º 96, S. Paulo, Departamento de História da USP.
1974 - A primeira IPI de São Paulo e a renovação.
1974 - Diretrizes da família humana.
1975 - Gramática Sânscrita.
1975 - Euclides da Cunha.
1975 - As leis de Manu - Revista de Historia, n.º 103, São Paulo, Departamento de História da USP.
1976 - O bem e o problema do mal.
1976 - A filosofia da Bhagavad-Gita.
1976 - Reforma do Cristianismo.
1977 - Heresias da história.
1977 - Mensagens evangélicas.
1978 - A religião na pré-história.
1978 - Estudos hindus.
1978 - Lao-tze e Tao-Te-King.
1978 - O sermão da montanha: a religião de Cristo.
1979 - Spinoza – filósofo.
1979 - Antologia de estudos religiosos.
1979 - Conceitos religiosos.
1979 - História da Igreja Primitiva.
1980 - A Igreja e o terceiro milênio.
1980 - As perguntas de Jesus.
1980 - Hitspadexa: tradução completa da célebre coleção de fábulas indianas.
1980 - Jesus e os evangelhos.
1980 - O culto da razão.
1981 - Quem é Jesus? (obra póstuma, editada pela 1ª IPI de São Paulo).
1981 - Um mundo novo (obra póstuma, editada pela 1ª IPI de São Paulo).

Recebido: 5 de maio de 2019.

Aprovado: 21 de agosto de 2019.